

PAÍS EM CRISE

A PIOR RECESSÃO

Economia brasileira encolheu 7,2% em apenas dois anos

ALÍTON DE FREITAS/O GLOBO



Rodrigo Maia, Michel Temer, Eunício de Oliveira e Henrique Meirelles comentam resultados após reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

LUÍSA TORRE
MIKAELLA CAMPOS

Acumulando duas quedas consecutivas no Produto Interno Bruto (PIB - soma das riquezas produzidas no país), a economia brasileira vive a pior recessão da história. Em 2016, segundo dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a retração da atividade econômica foi de 3,6% em relação a 2015, quando a economia já havia encolhido 3,8%. Ou seja, em apenas dois anos o tombo da economia ficou em 7,2%. Essa sequência, de dois anos seguidos de baixa, só foi verificada nos anos de 1930 e 1931, quando os recuos foram de 2,1% e 3,3%, respectivamente. De posse de números tão ruins, o Brasil assumiu a lanterna do

crescimento mundial num ranking de 39 países feito pela consultoria Austin Rating

“É uma das piores recessões do Brasil, sem dúvida. É agravada porque houve uma queda acentuada no consumo, que corresponde a mais de 60% do PIB. O endividamento das famílias, a inflação em alta e a queda do crédito, com aumento das taxas de juros, provocaram a redução no consumo. A queda no consumo leva a um menor investimento por força da demanda, é um efeito dominó. Os serviços acabam recuando também”, avalia o professor do departamento de Economia da Ufes Luiz Antonio Saade.

Pela primeira vez, desde 1996, todos os setores da economia registraram taxas negativas: agropecuária

(-6,6%), indústria (-3,8%) e serviços (-2,7%). O indicador que mede o consumo das famílias recuou 4,2%. “O que também agrava a crise é que a indústria teve uma queda de quase 4%. A indústria de transformação é um dos setores mais dinâmicos de uma economia”, pontua Saade.

Sabendo que seria um dia de más notícias, o Planalto preparou a artilharia para colocar água na fervura. Imediatamente após a divulgação dos dados pelo IBGE, pela manhã, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, saiu-se com a seguinte declaração: “O PIB divulgado hoje (ontem) refere-se ao ano passado. É olhar no espelho retrovisor”. Para, em seguida, sacar uma série de indicadores

que, segundo ele, apontam para uma expansão já no primeiro trimestre. À tarde, na presença de Michel Temer, foi lançado um pacote de concessões que prevê R\$ 45 bi em investimentos, um dos grandes entraves do crescimento brasileiro.

É para o que chama atenção a professora de Economia da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, Juliana Inhasz. “Um indicador preocupante é a queda do investimento. De 2014 até o final de 2016, passamos de 21% do PIB em investimentos para 16,5% em 2016. É uma queda acentuada. O investimento em máquinas e equipamentos é o que vai fazer com a economia ganhe capacidade produtiva para crescer. Vendo o investimento cain-

do 10,2%, de 2015 para 2016, quer dizer que a economia está direcionando poucos recursos para aumentar a capacidade produtiva. Isso coloca em dúvida o prazo para sair da crise”.

Na avaliação dela, 2016 foi muito prejudicado pelas turbulências políticas. “Tivemos impeachment, os mercados colocaram expectativas na troca de governo, isso trancou pautas econômicas. Até o meio do ano, nada foi feito. O governo ainda não conseguiu colocar nenhuma grande reforma dentro do contexto. Isso torna o ajuste mais difícil e por sua vez, o cenário ruim persistiu. Apesar da tentativa do governo de reduzir gastos, a recessão diminuiu receitas e continuamos com déficit persistente”.

RETOMADA

Para a economista, o pior já passou. “São dois anos de recessão severa, mas hoje o mercado já dá sinais de que a crise está passando. Enxergamos algumas políticas que sinalizam isso, como a queda da taxa de juros. Imaginando que o cenário permaneça dessa forma, com reformas sendo discutidas, juros continuem reduzindo, a inflação controlada, devemos ter no final de 2017 um resultado melhor”, sinaliza.

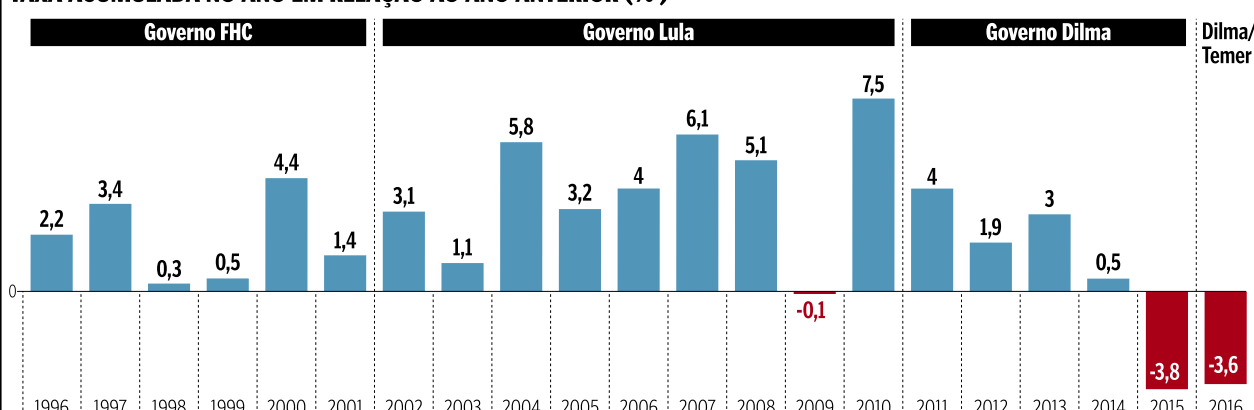
O professor da Ufes aposta numa retomada pouco vigorosa. “Não podemos esperar uma recuperação vigorosa, pois ela não virá. O Brasil vai engatinhar bastante para se recuperar. Só 2017 não é o suficiente para a economia voltar a crescer”.

VARIAÇÕES HISTÓRICAS

RECESSÕES NO BRASIL 1980-2016

Presidente	Período	Queda acumulada no PIB	Duração da crise (Trimestres)
Figueiredo	1981-1983	8,50%	9
Sarney	1987-1988	4,20%	6
Sarney/Collor	1989-1992	7,70%	11
FHC	1995	2,80%	2
FHC	1998-1999	1,70%	5
FHC	2001	0,90%	3
Lula	2003	1,50%	2
Lula	2008-2009	6%	2
Dilma/Temer	2014-2016	9%	11

TAXA ACUMULADA NO ANO EM RELAÇÃO AO ANO ANTERIOR (%)





VÍTOR JUBINI/ARQUIVO

PAÍS EM CRISE

OS MOTIVOS

DÉFICIT PÚBLICO ELEVADO

▼ O governo ampliou os gastos nos anos antecedentes à crise e provocou um déficit que chegou a quase R\$ 170 bilhões em 2016. O descontrole das contas públicas levou a uma crise de confiança, que fez despencar investimentos, consumo e criou uma devastação no mercado de trabalho.

TURBULÊNCIA POLÍTICA

▼ O impeachment e a crise política que ainda não se resolveu criaram instabilidade e alimentaram a crise econômica, tornando lenta a aprovação de medidas para mitigar os efeitos da recessão.

TAXA DE JUROS E INFLAÇÃO ALTA

▼ Para conter a inflação alta, o Banco Central subiu as taxas de juros. No entanto, juros em alta resultaram na queda do crédito e na redução do consumo.

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

▼ Altamente endividadas e muitas inadimplentes, as famílias tiveram que fazer um ajuste no orçamento, o que levou à redução do consumo. O desemprego também provocou recuo no setor de serviços.

QUEDA NOS INVESTIMENTOS

▼ Diante da baixa demanda, o setor produtivo diminuiu o investimento e o desemprego bateu recordes negativos.

OCIOSIDADE DA INDÚSTRIA

▼ O desaquecimento da economia fez com que as indústrias não trabalhassem em sua capacidade produtiva e muitas ficaram com altos estoques e plantas produzindo aquém do que podem.

DESAFIO É MAIOR PARA O ESTADO

Paralisação de mineradora impactou economia do ES

Além da recessão econômica que atinge todo o país, o Espírito Santo passa por outras crises, o que faz com que a retomada da economia fique um pouco mais longe para os capixabas. Entre os problemas, está a paralisação da Samarco, a crise hídrica e a crise de segurança que o Estado enfrentou em fevereiro e que teve fortes consequências econômicas.

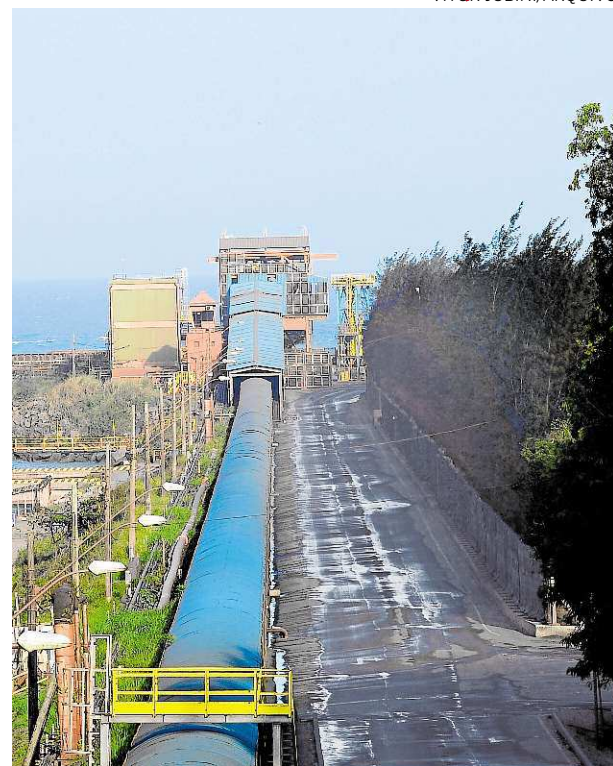
Até o fim de 2015, o Estado vinha crescendo praticamente no “zero a zero”, diz o economista Eduardo Araújo. No entanto, após o

rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, Minas Gerais, e a paralisação das atividades da empresa, foi como se uma parte da economia do Estado deixasse de existir.

“A paralisação da Samarco representa uma perda de renda para a economia capixaba. Há uma expectativa de que a Samarco volte a operar, mas, uma vez que um segmento empresarial deixa de funcionar, ele acaba contraindo serviços de outros setores, e isso gera um déficit na economia”, avalia.

No Espírito Santo, calcula Araújo, a queda do PIB em um ano foi em torno de 12%. “É sinal de que a gente está sofrendo muito, e há um grande desafio para alavancar empregos e a economia no Estado.”

Além disso, a crise da segurança em fevereiro deve impactar nos números de 2017, acrescenta o economista. “A gente não consegue mensurar com tanta precisão, mas sabe que os setores de comércio e serviços passaram a sofrer muito com a crise de segurança e, com isso, a economia deve



Samarco: paralisação representa perda de renda

sentir os impactos”, pontua.

Há, ainda, a questão hídrica. O presidente da Fertransportes, Jerson Picoli, lembra que a queda na produção agrícola do Estado em função da crise hídrica, que ainda estamos atravessando, impactou no setor de transportes.

Para 2017, a perspectiva é de melhora em alguns índices, como os preços de commodities. “O minério de ferro e o petróleo estão tendo melhor cotação para esse ano, e a gente acredita que isso deve ajudar um pouco a economia do Estado. Mas is-

so ainda não deve ser suficiente para poder fazer com que a gente tenha uma taxa de crescimento positivo”, avalia Eduardo Araújo.

Para Marcelo Loyola Fraga, economista e coordenador geral da faculdade Pio XII, o governo precisa investir em infraestrutura – estradas, portos, ferrovias – para voltar a gerar empregos inclusive no Espírito Santo. “O governo tem que continuar tomando medidas importantes como as reformas que vai fazer e a captação urgente de recursos para obras de infraestrutura”, avalia.

População ficou mais pobre na crise

o impacto da recessão sobre a renda do brasileiro foi ainda mais profundo do que sobre a economia como um todo. A população ficou mais pobre, pois sua renda caiu ao mesmo tempo que a inflação avançou, corroendo ainda mais o seu dinheiro e reduzindo seu poder de compra. Desde 2014, ano de início da crise, o PIB per capita (o va-

lor total do PIB dividido pela população) caiu 9,1%, de acordo com o IBGE. É o maior tombo no indicador desde 2000, que chegou a R\$ 30.407 no ano passado.

Enquanto isso, o PIB total cresceu 0,5% em 2014 e caiu 7,2% no acumulado de 2015 e 2016. Isso ocorre pois o cálculo leva em conta tanto a queda do PIB quanto

a expansão da população, de 0,9% ao ano, em média.

“É como se o bolo tivesse diminuído e mais pessoas quisessem comer. A fatia diminuiu”, diz Rebeca Palis, coordenadora de contas nacionais do IBGE. De modo semelhante, o consumo das famílias caiu 4,2% em 2016, queda ainda maior do que a contração de 3,9% já regis-

trada em 2015. O aumento do desemprego em 2016 e do endividamento das famílias são as principais razões para o empobrecimento do brasileiro. A média da taxa básica de juros, de 14,1% ao ano em 2016, foi superior à de 2015, de 13,3%.

Com a trajetória de desaceleração da inflação no fim do ano – o IPCA encerrou

2016 em 6,29% –, o mercado de trabalho é hoje o principal entrave para a melhora desse componente do PIB.

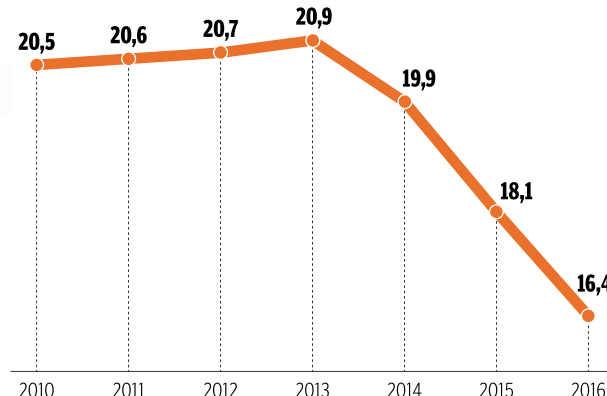
O desemprego, que atinge mais de 12 milhões de brasileiros, além de frear o consumo, foi determinante para que a parcela de famílias com dívidas em atraso alcançasse 23,6% em 2016, alta de 18,4% em relação a 2015, segundo a Confederação Nacional do Comércio (CNC).

PIB POR SETOR E NO MUNDO

O QUE ESTÁ EM ALTA E EM BAIXA



TAXA DE INVESTIMENTO (% DO PIB)



PIB NO MUNDO

Os 10 melhores		Os 10 piores	
1º	Índia 6,90%	39º	BRASIL -3,60%
2º	Filipinas 6,90%	38º	Rússia -0,80%
3º	China 6,70%	37º	Grécia 0,30%
4º	Indonésia 5,00%	36º	Noruega 0,60%
5º	Malásia 4,30%	35º	Japão 0,90%
6º	Israel 4,00%	34º	Itália 0,90%
7º	Peru 3,90%	33º	Dinamarca 1,00%
8º	Eslováquia 3,40%	32º	Estônia 1,00%
9º	Tailândia 3,20%	31º	Letônia 1,00%
10º	Espanha 3,20%	30º	França 1,20%



MEIRELLES AFIRMA QUE RECESSÃO JÁ É PASSADO



ANDRÉ COELHO/O GLOBO/ARQUIVO

Ministro da Fazenda fala em expansão já no primeiro trimestre

BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, entrou em ação logo após a divulgação do resultado do PIB de 2016, que confirmou a pior recessão da história brasileira. Na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, diante de uma plateia de empresários e executivos, disse que o tombo é resultado das políticas adotadas nos últimos dois anos, ou seja, durante o governo Dilma Rousseff, e que já é passado: “O PIB divulgado hoje (terça) refere-se ao ano passado. É olhar no espelho retrovisor. (...) É o resultado de uma série de políticas que levaram a economia brasileira a enfrentar a maior crise da sua história”.

Durante toda a terça-feira ele fez questão de destacar os indicadores que apontam o fim da recessão e as reformas que estão sendo tocadas em várias frentes para ampliar a produtividade

de da economia brasileira.

RETOMADA

Henrique Meirelles disse que, em 2017, o PIB crescerá pouco na média anual. Segundo ele, o motivo é que o indicador partirá de um patamar muito baixo. Na visão do ministro, o crescimento da economia vai se acelerar ao longo do ano e chegará a 2,4% no quarto trimestre de 2017, na comparação com o quarto trimestre de 2016. A projeção anterior era de 2%. Ele disse ainda que os dados podem surpreender e que o crescimento pode ser maior, alcançando os 3,2%. Meirelles afirmou ainda que uma pré-condição para o Brasil voltar a crescer era diminuir o endividamento de empresas e famílias. Ele garantiu que esse ajuste já foi feito e que pessoas físicas e jurídicas já pagaram parte importante da dívida.

ANTECEDENTES

Ele ressaltou que o mer-

cado de trabalho já reverteu a tendência de queda e que há vários indicadores de que a economia brasileira voltou a crescer no primeiro trimestre de 2017. Citou como exemplo vários “indicadores antecedentes” (jargão dos economistas para números que podem indicar o comportamento futuro da economia) como o fluxo de veículos leves, a produção de papelão ondulado, a venda de supermercado, produção de motocicleta, importação de bens intermediários e alta da confiança do consumidor.

AJUSTE FISCAL

Ele defendeu as reformas macro e microeconômicas que estão sendo propostas ao Congresso Nacional pelo governo Temer. Segundo o ministro da Fazenda, se Proposta de Emenda à Constituição que fixou um teto para os gastos públicos não tivesse sido aprovada no ano passado, as despesas públi-

cas chegariam a 25,4% do PIB em 10 anos. Com o teto, destacou ele, essa despesa ficará em 15,5% do PIB. Implementado o limite para os gastos públicos, o ministro tentou chamar a atenção dos conselheiros do governo federal para a importância de o parlamento, agora, aprovar a reforma da Previdência Social. “Se as regras previdenciárias não forem alteradas, o déficit da Previdência vai a 10% do PIB”.

LEIS TRABALHISTAS

Segundo Meirelles, du-

rante muitos anos recebeu de potenciais investidores a reclamação de que é muito difícil fazer negócio no Brasil. “Vou citar o exemplo de uma multinacional europeia que tem no Brasil cerca de 70 mil funcionários. Nos Estados Unidos, essa multinacional tem mais ou menos a mesma quantidade de funcionários e 27 ações trabalhistas, com dois advogados atuando. A mesma empresa no Brasil, com as mesmas condições, tem 25 mil ações trabalhistas e 150 advogados. Esse é o custo de se produzir no Brasil”. Meirelles, afirmou que o avanço da agenda de reformas e o aumento da produtividade podem fazer com que o PIB potencial brasileiro passe de 2,3% para mais de 3,5%.

MENOS ESTADO

“Após quase 30 anos, estamos revertendo o processo que o governo ocupa espaço do setor privado na

economia”. O ministro citou que essa fatia cresceu de 19,8% para 25,4% ao longo dos últimos anos e mencionou que, se essa participação cair 10 pontos percentuais - para próximo de 15% para o Estado -, o setor privado vai ganhar espaço. “Essa fatia será ocupada pelo setor privado, onde há melhor alocação de recursos”.

MAIS IMPOSTOS?

Henrique Meirelles confirmou que o aumento de impostos é uma das ferramentas para que o governo cumpra a meta fiscal. “Se for necessário aumentar imposto, terá aumento. Se for necessário contingenciar gastos ainda mais, será contingenciado. O que prevalece é o nosso compromisso com uma meta de R\$ 139 bilhões de déficit primário. O que nós temos de fazer é cumprir a meta. Faremos o que for necessário até, no limite, aumentar os impostos”.

Empresários apelam para que governo não aumente tributos

“O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, confirmou que o aumento de impostos é uma das ferramentas disponíveis na equipe econômica para que o governo cumpra a meta fiscal. “Se for necessário aumentar imposto, terá aumento. Se for necessário contingenciar gastos ainda mais, será contingenciado”, disse.

Paralelamente, empre-

sários entregaram ao governo uma proposta para alavancar o crescimento da economia, cujo primeiro item pede justamente que a carga tributária não seja elevada. “O que prevalece é o nosso compromisso com uma meta de R\$ 139 bilhões de déficit primário”, disse. “O que nós temos de fazer é cumprir a meta. Faremos o que for necessário até, no li-

mite, aumentar os impostos”, completou.

Meirelles reconheceu que a carga tributária é elevada e eventual aumento da carga de impostos teria de ser feita “com muita responsabilidade”. Ele disse que o governo tem tomado medidas para cumprir a meta fiscal, como redução de despesas e, no limite, pode até adotar aumento de imposto.

ANÁLISE

Dados comprovam a profunda recessão

“A divulgação do PIB oficial de 2016 confirmou o que muitos já sentem na pele há tempos: o país passa por uma profunda recessão. Somente em 2016, a economia retraiu 3,6%. Juntando com o resultado de -3,8% em 2015, a economia diminuiu quase 7,3% em dois anos. Em termos per ca-

pita, entre 2014 e 2016 a renda caiu quase 9,2%. Assim, o brasileiro voltou a níveis de renda pré-2010, mais de 6 anos de retrocesso. Apesar do resultado desolador, há alguma indicação de que a economia pode estar se recuperando. A Pesquisa Industrial Mensal de dezembro mostra cresci-



mento de 2,3% ante novembro e leve piora de -0,1% ante dezembro de 2015, sinalizando que o pior pode ter passado.

—
FABIO YOSHIO SUGURI MOTOKI
PROFESSOR DE FINANÇAS DA FUCAPE

PAÍS EM CRISE



FERNANDO MADEIRA

Volta por cima

A nutricionista Fabiana Furlani, dona da clínica La Nutri, sentiu em 2015 os efeitos da crise. Mas, em 2016, investiu em novos serviços, com foco em gestantes, crianças e cursos de comida saudável para contornar a recessão.

“Decidimos ter até nosso local próprio para dar mais conforto ao cliente”

FABIANA FURLANI
NUTRICIONISTA

lhorar. Tivemos dois anos consecutivos de queda”.

Para ele, o governo precisa dar mais atenção aos grandes empregadores industriais para que esses possam voltar a investir e a crescer. “Outro ponto relevante é a aprovação das reformas. Não será um ano fácil se o Congresso amararr esses projetos”.

Com a retração na produção industrial, o presidente da Federação dos Transportes (Fetransportes), Jerson Picoli, aponta que o setor de transportes é diretamente atingido. “Todas as mercadorias circulam através do transporte, principalmente rodoviário. Menos produção resulta em menor circulação da mercadoria. Está todo mundo tentando sobreviver”, lamenta.

No comércio, a preocupação não é diferente. O que ameniza são as previsões de uma redução mais acentuada nos juros. O diretor da Federação do Comércio, João Elvécio Faé, afirma que o quadro neste início de ano, com a inflação mais controlada e com o dólar mais baixo, tem favorecido a volta do consumo das famílias. O segundo ponto importante só se concretizará ao final do ano quando os juros ficarem ainda mais baixos. “Assim, o comércio vai voltar a pegar empréstimo para investir em novos produtos, ampliar seus negócios, criar novas lojas e abrir mais empregos”.

Para o presidente do Sindicato dos Lojistas do Comércio de Vitória, Cláudio Sipolatti, pensar na queda do PIB é olhar pelo retrovisor. “O mais importante para o comércio começa agora, é a liberação das contas inativas do FGTS. Estamos esperançosos que esse recurso venha para o comércio através de novas compras e de queda na inadimplência”.

CRESCIMENTO VOLTARÁ, MAS EM RITMO LENTO

Empresários esperam ansiosos por retomada da economia

⚡ A troca de governo no ano passado reacendeu as esperanças do empresariado de uma possível recuperação da economia brasileira. Mas o otimismo acabou não se refletindo em indicadores positivos. O tão esperado crescimento, mesmo que mínimo no final do ano, não ocorreu.

Diante dos dados negativos divulgados ontem pelo

IBGE, ainda que a inflação sinalize se manter dentro da meta e os juros estejam numa trajetória de queda, o cenário atual é visto com cautela pelo mercado, que espera um avanço, porém num ritmo bem aquém do que o país precisa.

Os investimentos, necessários para que o país saia do marasmo financeiro, dependem, segundo o presi-

dente do ES em Ação, Aridelmo Teixeira, das reformas estruturais na Previdência, nas leis trabalhistas e no sistema tributário para que a credibilidade brasileira seja recuperada.

“Temos que registrar esse período na memória. Não é a primeira vez que fazemos uma lambança assim”, opina Teixeira, ao acrescentar ainda que os sinais de ja-

neiro e fevereiro mostram que a economia não está mais ladeira abaixo. “Tudo pode acontecer. Ela pode subir ou descer ainda mais. Mas se crescer será num ritmo lento e incapaz de recuperar a queda que tivemos nos últimos anos”.

A indústria é um dos setores que mais sofreu com a pior crise da história, na visão do presidente da Federa-

ção das Indústrias do Espírito Santo, Marcos Guerra. O setor industrial, que teve retração de 3,8%, é um dos que mais emprega no país e foi gravemente abalado, segundo ele. “Em 2014, foi um período perdido com um crescimento nulo. O ano de 2015 foi um dos piores para o setor. Em 2016, com a troca de presidente acreditávamos que a situação iria me-

CIRCULAÇÃO



“A queda no PIB quer dizer que o país deixou de vender e circular produtos, e o setor de transportes foi diretamente afetado”

JERSON PICOLI
PRESIDENTE DO FETRANSPORTES

AGRONEGÓCIO



“Houve uma queda no volume da produção agrícola, mas os preços subiram. O agronegócio é superavitário na balança de pagamentos”

JÚLIO ROCHA
PRESIDENTE DA FAES

CRÉDITO



“A queda dos juros ainda é lenta e de pouco impacto no dia a dia para aumentar os limites de crédito para a população”

CLÁUDIO SIPOLATTI
PRESIDENTE DO SINDILOJISTAS

PROJETOS



“A recuperação esperada não veio. Somente com as reformas, os empresários vão retirar projetos da gaveta e voltar a investir”

ARIDELMO TEIXEIRA
PRES. DO ES EM AÇÃO

INVESTIMENTO



“Com a recessão, perdemos o crescimento do PIB de 2011 a 2016. Se não houver mudanças, reformas, não será possível as empresas voltarem a investir”

MARCOS GUERRA
PRESIDENTE DA FINDES

CONSUMO



“Temos que acreditar que neste primeiro semestre o PIB vai parar de cair. Para o segundo, esperamos aumento do consumo a partir da queda da taxa de juros”

JOÃO ELVÉCIO FAÉ
DIRETOR DA FECOMÉRCIO